

AS SEMENTES ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL E A FEIRA DE SEMENTES DOS POVOS INDÍGENAS DE RORAIMA

Ananda Machado¹

Rachel Camargo Pinho²

Os povos indígenas de Roraima realizam desde 2012 as Feiras de Sementes no Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol (CIFCRSS), através de parceria do Conselho Indígena de Roraima (CIR) com a Iniciativa Wazaka'ye/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e outras instituições. A feira teve sua quarta edição em 2016 continuando a troca de sementes, de conhecimentos a elas associados, gerados pelas relações com essas sementes e com a feira. A partir do histórico das feiras aprofundaremos alguns temas como a origem das sementes, sua preservação, as plantas que são usadas em processos de cura e suas relações com as culturas indígenas. Na primeira edição da feira a artesã Iolanda Fidelis levou suas panelas de barro para expor e vender. Uns perguntavam: - o que isso tem relação com a feira de sementes? Tem a terra, o barro, que são elementos importantes para as sementes germinarem, além das panelas serem usadas no cozimento dos alimentos que vem das sementes, ou das próprias sementes enquanto alimentos. Em 2014 houve concurso de cartilhas e uma turma de quinto período do curso Gestão Territorial Indígena do Instituto Insikiran de Educação Superior Indígena/Universidade Federal de Roraima escreveu informações desde como eram preservadas as sementes no passado, até seus usos e modos de transmissão de conhecimentos sobre este tema na atualidade. A partir dessas experiências construímos este texto refletindo sobre o que observamos e vivenciamos com os alunos indígenas em sala de aula, na relação com suas sementes e com a feira. Nossas discussões tomarão também como fundamento o que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vem trabalhando no campo do patrimônio imaterial e no registro dos sistemas agrícolas indígenas.

Palavras chave: Sementes, patrimônio imaterial Macuxi e Wapichana, Roraima.

¹ Professora do curso Gestão Territorial Indígena, Doutora em História Social (PPGHIS/UFRJ) e coordenadora do Programa de Valorização das Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana.

² Professora do curso Gestão Territorial Indígena, Doutoranda em Ciências Florestais na UNB e coordenadora da Iniciativa Wazaka'ye.

INTRODUÇÃO

Para início do texto queremos lembrar que existem 677 Terras Indígenas (TIs) no Brasil, ocupando 104 milhões de hectares, o que corresponde a 12,2% do território do país (ISA, 2016 a). Desta área, 98% está na Amazônia, onde se encontram 405 TIs que desempenham importante função de conservação ambiental (CARNEIRO FILHO, 2009). No bioma de maior biodiversidade do planeta, uma parte da floresta persiste conservada graças às práticas de manejo agroextrativista de base ecológica dos povos indígenas.

Localizado no extremo norte da Amazônia brasileira, o estado de Roraima possui grande parte de sua população formada pelos Macuxi, Wapichana, Taurepang, Ingarikó, Sapará, Ye'kuana, Yanomami, Wai-Wai e Waimiri-Atroari (ISA, 2016 b; CAMPOS, 2011a; MILLER et al., 2008) dentre outros povos. A população indígena vivendo dentro das TIs corresponde a 11% da população total de Roraima, representando o maior percentual em um estado brasileiro (IBGE, 2010).

O IPHAN vem desenvolvendo metodologia de registro de caráter multidimensional de sistemas agrícolas. O processo de identificar os aspectos ecológicos, biológicos, socioculturais, temporais e a interdependência entre estes domínios é interessante. Assim a forma particular e tradicional de praticar a agricultura na região do Rio Negro foi entendida pelo IPHAN como “um conjunto de campo de expressões de saberes diferenciados que tratam do manejo do espaço, do manejo das plantas cultivadas, da cultura material associada e das formas de alimentar-se” (EMPERAIRE, 2010, p. 9). Essa visão nos ajudou a pensar as sementes e plantas também de modo mais abrangente.

Ao longo de séculos, esses povos desenvolveram práticas de manejo de baixo impacto ambiental, que garantiram a produção de alimentos e outros recursos necessários à sobrevivência, como a madeira, os remédios, o artesanato e especialmente a alimentação, em sistemas agrícolas de pequena escala e com baixo impacto ambiental. A seleção, cultivo e manipulação das sementes nativas foram práticas aperfeiçoadas que resultaram em variedades tradicionais de riquíssima diversidade, altamente adaptadas ao ambiente e clima local. Entretanto, a chegada de sementes industrializadas nas comunidades vem ameaçando essa diversidade. No caso das TIs localizadas no Lavrado (savanas) de Roraima, isso ocorre junto a um contexto de crescimento populacional que tem aumentado a pressão sobre as

áreas de produção e fornecimento de recursos (CAMPOS, 2011b; FRANK & CIRINO, 2010; SANTILLI, 1997).

Em Roraima, as comunidades indígenas vêm debatendo a necessidade de diagnosticar esses e outros impactos, e aperfeiçoar práticas para um melhor aproveitamento e gestão dos recursos naturais, incluindo a valorização das sementes tradicionais. Desde 2012 é realizado um trabalho em parceria com o CIR, pela Iniciativa Wazaka'ye (IW) no Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol (CIFCRSS), com atividades de valorização das sementes tradicionais em aulas, oficinas e na Feira de Sementes.

1. HISTÓRICO DAS FEIRAS DE SEMENTES

Como forma de reação à invasão das sementes industrializadas e valorização da cultura e sementes tradicionais, já ocorreram quatro edições da Feira de Sementes Tradicionais dos Povos Indígenas de Roraima, através de uma parceria entre o CIR, a Iniciativa Wazaka'ye/INPA e outras instituições, como o Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Roraima.

As feiras acontecem desde 2012 no CIFCRSS, reunindo cerca de 400 estudantes, professores e agricultores indígenas de várias etnias e regiões de Roraima. Esse é um movimento que se inicia em Roraima, mas ainda há um longo caminho de desafios e realizações. O CIFCRSS já incorporou o evento em seu calendário, e a tendência é fortalecer cada vez mais a cultura e autonomia indígena na conservação e multiplicação de suas sementes.

Todas as edições da feira iniciam com o momento da chegada da maior parte dos participantes, que acontece no dia anterior ao evento, com acolhida e acomodação no CIFCRSS. Na primeira manhã ocorre a abertura oficial, com defumação de Maruwai pela Pajé Mariana Constantino, seguida por uma mesa composta pelas organizações e instituições presentes. Em todas as edições são distribuídos vários materiais didáticos (principalmente livros) para todas as comunidades e escolas participantes. Outro aspecto comum a todas as edições da feira é a realização de apresentações culturais levadas pelos

participantes (danças, música, teatro), principalmente na programação da noite, além do tradicional Parixara que acontece em vários momentos do evento. Durante a feira de sementes, além da grande variedade de sementes, mudas e raízes, que são trocadas entre os participantes, é comum que as comunidades levem produtos para venda, como artesanato e remédios naturais. O restante da programação acontece de forma variada em cada uma das edições da feira, conforme será apresentado a seguir.

A primeira edição da Feira foi realizada entre 1 e 3 de junho de 2012 e contou com financiamento de um edital específico para Feira de Ciências do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - edital 25/2011).

A divulgação da Feira iniciou com cerca de 3 meses de antecedência, em reuniões comunitárias, eventos e assembleias do movimento indígena, cartazes e anúncios por estações de rádio. Nos meses anteriores à feira foram realizadas 4 caravanas preparatórias nas etnoregiões Amajari, Serras, Surumu e Serra da Lua, que duraram aproximadamente 2 dias, onde eram feitos esclarecimentos sobre a feira, orientações e apoio para preparação da exposição, confirmação do número de participantes de modo a planejar o deslocamento, orientações para o transporte de sementes até a feira, e ainda a realização uma pequena oficina sobre sementes locais.

Além da feira de sementes, aconteceu também uma feira de ciências na qual foram apresentados 27 trabalhos, dentre os quais 5 foram premiados com bolsas de pesquisa do CNPq (Iniciação Científica Junior): “Comidas tradicionais” e “Medicina tradicional” (comunidade Barro); “Cultivo da maniva” (comunidade Maturuca), “Diversidade da banana” (comunidade São Miguel da Cachoeira) e “Sementes tradicionais e sustentabilidade” (comunidade Willimon). Os estudantes bolsistas ficaram responsáveis por dar continuidade a esses trabalhos em suas comunidades, com acompanhamento pela equipe técnica da iniciativa Wazaka’ye durante um ano. No último dia da feira foi realizado o plantio de uma agrofloresta com a participação de todos os presentes.

No âmbito desse projeto foi criado também um site que permanece ativo como forma de divulgação das atividades em agroecologia da Iniciativa Wazaka’ye e também disponibiliza cartilhas e outros materiais em formato digital (www.wazakaye.com.br).

A segunda Feira aconteceu entre 17 e 19 de junho de 2013, com apoio de um projeto do CIR em parceria com a Terre des Hommes-Suisse. Além disso outras instituições

também forneceram alguns apoios específicos, e as próprias comunidades participantes também contribuíram com alimentação e transporte.

Para a segunda edição da Feira não foi possível realizar as caravanas prévias por limitação de recursos. E também não conseguimos fornecer transporte para as comunidades, diferentemente da primeira feira quando havia recursos para locação de 4 micro-ônibus.

O evento envolveu indígenas de outros estados, comunidades de cinco etnoregiões e 16 escolas indígenas. Assim como na primeira feira, as escolas apresentaram trabalhos, porém nessa edição uma das formas de apresentação dos trabalhos foi através de cartilhas. As cartilhas de mais destaque foram posteriormente editadas, publicadas e distribuídas para escolas e comunidades, com objetivo de serem usadas como ferramentas de educação ambiental e de provocar o diálogo sobre a adequação de materiais didáticos à realidade local. Assim como na primeira edição, foi realizado um plantio agroflorestal no último dia de evento.

No feriado entre 1 e 4 de maio de 2014 ocorreu a terceira edição da feira. Além de participantes de 6 TIs de Roraima, também estiveram presentes membros dos povos Waujá do Mato Grosso e Tingui - Botó do Alagoas, representando, respectivamente, a rede de sementes do Xingu e a APOINME (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo).

Essa edição da Feira apresentou a maior diversidade de variedades tradicionais dentre todas as feiras que já ocorreram em Roraima. A comunidade Maturuca apresentou quase 100 variedades de espécies de plantas, dentre 15 tipos de pimenta, 10 de milho, 8 de batata e 4 de arroz. A comunidade Malacacheta levou 12 variedades de banana, 3 de abacaxi e de cana, dentre outras plantas de outras espécies. Já da comunidade Mangueira vieram muitas sementes, além de 13 variedades de manivas. A comunidade São Miguel da Cachoeira trouxe mais de 30 tipos de maniva, já a comunidade Pium apresentou variedades de jerimum, melancia e muitas fruteiras. Os Yanomami e WaiWai trouxeram importante diversidade e de plantas das TIs localizadas em áreas florestais em Roraima, diferente das outras terras presentes que se localizam no lavrado (savanas).

Tabela 1- Variedade de sementes na III Feira

Número de variedades/espécies tradicionais trazidas à III Feira de Sementes dos Povos Indígenas de Roraima

	Maturuca SERRAS	Malaca cheta S. LUA	Mangueira AMAJARI	S. Miguel SURUMU	Pium da Serra/S. LUA	Serrinha YANOMAMI	Makará WAI WAI	UFRR/ Insikiran	XINGU	Colômbia
Milho	10	4	4		2					
Macaxeira		4	4	4					2	
Mandioca	10	17	9	30	4	2			2	
Feijão	5	1	2		2					1
Arroz	4									
Pimenta	15		2		1					1
Banana	1	12	12		3					
Batata/ Taioba	8	3	1							
Abóbora	2	1	3		4					
Cará	1	3							1	
Melancia	1	1			2					
Cana		3	3							
Abacaxi		3			2					
Árvores fruteiras	19	10	14		12		4	9	3	3
Árvores madeireiras	3	3	2	1	1	2	1	3	3	
Hortaliças	7	1	1							5
Outras	6		1		1			4	3	2
	92	66	58	35	34	4	4*	15*	13*	12

* Algumas espécies se repetem pois entraram em duas classificações (ex.: madeireira e fruteira), portanto foi diminuído no valor final da soma

Na terceira edição da feira também houve palestras, apresentações de vídeos, e apresentações de experiências pelas escolas indígenas e por estudantes do curso de Gestão Territorial Indígena/Instituto Insikiran/ UFRR. Assim como na edição anterior da feira, os trabalhos foram apresentados em forma de cartilhas, sendo que foram editadas e publicadas duas delas: a da Escola Estadual Indígena (EEI) Bento Luis (comunidade São Miguel da Cachoeira/TI Raposa Serra do Sol) com a cartilha “Variedade de manivas e seus derivados” e a da turma do 5º período do curso Gestão Territorial Indígena/Instituto Insikiran com a cartilha “Itena’pi Moropai Timotínîpisen Makusi – Sementes e mudas indígenas” disponível em wazakaye.com.br/wp-content/uploads/2013/03/CARTILHA_Sementes_Insikiran_DIGITAL.pdf

Uma novidade desta edição da feira foi a realização de oficinas de tecer algodão, trançar darruana, artesanato com sementes, pinturas em pano e corporal, contação de histórias tradicionais, ensinamentos de cantos e rezas, instrumentos musicais indígenas, produção de composto orgânico e plantio em agrofloresta, todas ministradas pelos próprios indígenas.

Foi entregue uma premiação especial para a comunidade que levou a maior diversidade de sementes e nesta desenvolvemos uma área produtiva sustentável planejada

em parceria entre CIFCRSS e comunidade/escola. A partir dessa edição da feira, o plantio agroflorestal não foi mais realizado como parte da programação, mas sim como uma atividade após a feira, apenas com os estudantes do CIFCRSS.

A quarta edição da Feira de Sementes dos Povos Indígenas de Roraima aconteceu entre os dias 15 e 17 de setembro de 2016, com agricultores, professores e estudantes de 6 regiões de Roraima: Serras (comunidades Maturuca e Uiramutã), Surumu (São Miguel da Cachoeira e Barro), WaiWai (Makarã e Cobra), Baixo Cotingo (Serrinha), Serra da Lua (Pium e Novo Paraíso), São Marcos (Novo Destino) e Tabaió (Raimundão). Também houve a presença de indígenas de outros estados e países, como os Pemon da comunidade Kavanayén da Venezuela e os SateréMawé do estado do Amazonas, além de convidados do setor de extensão do INPA de Manaus.

Nessa edição optou-se por não fazer a feira de ciências, já que o conhecimento tradicional vinha sendo abordado na feira de maneira transversal em vários momentos, não sendo necessário separar um espaço específico para isso. Nessa edição foi fortalecida a participação dos (as) agricultores (as) indígenas através de uma mesa de discussão exclusiva para eles (as) apresentarem seus conhecimentos sobre sementes e plantios.

Na quarta feira de sementes também ocorreram oficinas de: medicina tradicional, grafismo indígena, arte indígena, trança de darruana, mitos, contos, rezas, compostagem e enxertia. Todas as oficinas foram conduzidas por indígenas, exceto a oficina de enxertia que foi ministrada por um professor do Instituto Insikiran/UFRR.

Assim como nas outras edições da feira, houve várias apresentações artísticas, dentre elas uma apresentação de teatro sobre “A origem das sementes tradicionais”, produzida a partir da cartilha de mesmo nome, que foi lançada nessa edição da feira. A história contada na cartilha e no teatro foi originária de pesquisa dos estudantes do CIFCRSS com a pajé Mariana.

A Feira encerrou, mas as atividades no CIFCRSS continuaram, para garantir a organização, armazenamento e plantio das sementes, mudas e manivas que chegaram nos últimos dias, essas variedades foram plantadas nas agroflorestas do CIFCRSS, que são um banco vivo dessa diversidade, e outras sementes foram encaminhadas para o viveiro e para roças comunitárias.

Um dos principais objetivos das feiras de sementes é que as comunidades discutam

formas de valorizar e garantir a manutenção do conhecimento tradicional associado às sementes: a alimentação, o uso medicinal e espiritual, os cantos e demais conhecimentos associados.

Gostaríamos de ressaltar aqui a importância da colaboração da pajé Mariana na formação dos alunos no CFICRSS e nas feiras. Ela sempre abriu ou trabalhos purificando o ambiente com maruwai, contou as histórias e revelou seus conhecimentos do manejo das sementes e plantas. A seguir trataremos um pouco da relação dos pajés com a biodiversidade, propriedade intelectual e da preocupação com a continuidade do uso desses conhecimentos.

2. PAJÉS, BIODIVERSIDADE E A PRESERVAÇÃO DESSES CONHECIMENTOS

Na I carta de Manaus, redigida na “Conferência de Pajés: Biodiversidade e Direito de Propriedade Intelectual, Proteção e Garantia do Conhecimento Tradicional” (2002) afirmaram que “o conhecimento indígena tem contribuído, direta ou indiretamente, para garantir grande parte dos avanços na área da saúde, na produção de alimentos, cosméticos, dentre outros”. Calcula-se que 75% das drogas usadas em tratamentos médicos têm origens nestas formas de saber que são atuais, fazendo parte da vida cotidiana dos povos indígenas, sendo continuamente repensadas e renovadas a partir de novas experiências (in ALMEIDA, 2010, p.47).

O sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2005) defende que o futuro da humanidade está atrelado à necessidade de um equilíbrio que conseguiremos alcançar na encruzilhada entre os conhecimentos indígenas e os de outros povos. A feira de sementes é exemplo interessante porque une o movimento indígena que deseja continuar cultivando a diversidade de sementes e outras instituições que estimulam feiras de ciências e o registro de seus conhecimentos.

Em 2003 o Instituto Indígena Brasileiro de Propriedade Intelectual (IMBRAPI) começou a registrar os conhecimentos tradicionais dos pajés, que incluem o uso das plantas, mas não é consensual a ideia de patentear esses conhecimentos, pelo contrário, há muita polêmica sobre o assunto. Uma vez que a patente tem prazo de validade e os saberes

indígenas são de origem milenar, portanto os povos deverão sempre receber parcelas do lucro advindo de seus conhecimentos.

No Alto Juruá, pajés, parteiras e Agentes Indígenas de Saúde reunidos discutiram a definição de medicina tradicional e afirmou-se “[...] a medicina tradicional não é só a planta. É o pensamento, é o conhecimento de cada um. É muito mais do que planta. É diferente do branco” (FERREIRA, 2013, p. 138). Percebemos na evolução das feiras de sementes essa união entre a exposição, troca de sementes e o compartilhar dos conhecimentos associados, tais como os transmitidos pelos pajés.

Eles não controlam só o sagrado, eles controlam também os saberes que orientam as relações com os recursos naturais. Seriam o pano de fundo das relações antrópicas. Sabem transformar as ervas, sabem fazer infusões, conhecem os santuários e ademais não revelam publicamente seus segredos, protegendo-os para assegurar sua reprodução dentro do próprio grupo (ALMEIDA, 2008, p.28-29).

A questão de preservar pelo segredo também é muito interessante e percebemos que as línguas indígenas vêm sendo usadas como uma “chave” que separa o que é interno, segredo de cada povo indígena e o que pode ser divulgado para fora e compartilhado entre etnias diferentes.

Há também indígenas que curam apenas com seus conhecimentos das plantas. É o caso de Rosa Cadete, Agente Indígena de Saúde na comunidade Canauanim, que no vídeo do “Pibid Licenciatura Intercultural Práticas Pedagógicas e Valorização Cultural no Canauanim”, demonstrou conhecer muito da “medicina tradicional” Wapichana. Rosa disse: “a medicina tradicional vem desde a antiguidade” e “usa remédio que não ofende”. Afirmou que no Canauanim usam a mesma quantidade de remédio da farmácia e do caseiro. Disse que os pajés e rezadores usam peão branco para rezar as crianças. E que o pé dessa planta “usa para criança que é herniada e o leite para passar na ferida da boca da criança, que é o sapinho”. A Agente de Saúde contou que usa pomada de mastruz para “batidura” e vermes, infusão da casca do cajueiro e do mirixi para lavar ferida, a planta chamada língua do pirarucu para retirar carne crescida no olho e para fazer xarope para gripe e início de pneumonia, a semente da alfavaca para retirar cisco do olho e para banho, coloca capim santo em quase todo xarope e usa para início de pneumonia e febre. Rosa mostrou suas garrafadas no vídeo e uma delas era para inflamação de coluna e outras inflamações, que faz com casca de copaíba, folha de terramicina (antibiótico), crajiru, sara

tudo (sozinho serve para gastrite, infecção urinária), casca de cajueiro, entrecasca de caimbé (serve para todo tipo de inflamação) e um pouco de açúcar. Usa o leite da sucuba e sua casca para tratar malária, faz chá de folha de goiabeira e de casca de azeitona para curar diarreia (PIBID, 2015).

Dom Mauro Wirth contou que os Wapichana usavam a capeba para tratamento de urina muito vermelha, dores e cansaço nas pernas. E o beneditino afirmou que, tanto os indígenas, quanto os mestiços com influência deles, usam *kuduiautaka* ‘goiaba da anta’, para tratar as doenças intercorrentes do parto (HERRMANN, 1946, p. 204). Em nossas visitas à algumas comunidades percebemos que a maioria desses saberes históricos, das serras, dos animais e das plantas continuam a ser guardados e transmitidos pela oralidade, de acordo com o sistema de cognição e na língua Wapichana.

Não é de hoje o interesse de outros povos sobre os remédios indígenas. E alguns deles foram cobiçados e descritos por Dom Alcuino Meyer nas cartas que ele enviava ao Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Referiu-se aos “tajás”, da “casca de pau amargo”, à defumação com resina de “maruai” e ao ato de tomar tabaco.

O maruwai é uma resina usada com frequência nos eventos indígenas em Roraima, tal como aconteceu em todas as feiras de sementes, é usada em algumas assembleias e reuniões. Supomos palavra *maruwai* seja de origem indígena porque nos dicionários de língua portuguesa não a encontramos. Na língua Wapichana chamam *demaruaiibe*. Há também histórias contadas pelos Macuxi e Wapichana que consideram Maruwai um grande pajé.

Dom Alcuino Meyer escreveu sobre um remédio para desaparecer os pelos do corpo e um remédio para paralisia. Disse o padre: “[...] poderíamos obter a matéria prima para dois artigos de importância grande e teríamos de certo uma boa fonte de renda para o futuro da missão” (Arquivo do Mosteiro de São Bento, pasta da Ordem de São Bento (OSB). Ainda no mesmo ano Meyer demonstrou querer cultivar o timbó no Calungá afirmando: “poderá vir a ser uma cultura compensadora” (1939).

Vemos em seu texto que desde o início da colonização, economia e pesquisa científica se misturam com religião. Em carta o beneditino contou que o pajé Luiz e também Augusto falaram sobre o remédio para curar impotência ou infecundidade da mulher e também da planta que cura tísica (tuberculose) (1940).

E aproximadamente dez anos antes, outro beneditino, Dom Eggerath, já falava do timbó como veneno usado na pescaria pelos Wapichana.

Raízes de timbó e canapú (da família das solaneas) são batidas de encontro as pedras até formar feixes que se dependuram no logar e se esfregam dentro d'água até sahir um líquido branco, cujo veneno, pouco tempo depois, faz apparecer as victimas: os peixes pequenos mortos e os maiores tontos, a nadar de barriga para cima á superficie d'água. Assim são apanhados com facilidade, mas também succumbe toda a reprodução (1924, p.40).

Em relação ao timbó, Dom Alcuino comprometeu-se, via carta, em plantar várias espécies dele para averiguar a melhor para fabricação. “Futuramente poderemos adquirir mesmo os machinismos precisos para a obtenção do pó e (melhor ainda) da essência da retenona” (MEYER, 1939, p.66). No passado o uso dessas plantas “medicinais” se dava a partir da colheita e não identificamos caso de plantio do timbó em larga escala, conforme sugeriu Dom Alcuino.

A valorização das sementes tradicionais pelo viés da agroecologia sugere formas de otimizar os princípios ecológicos de manejo ambiental já utilizados pelos indígenas, com técnicas que apoiam as atividades de propagação, experimentação e manejo de variedades. Essas atividades devem ser feitas de maneira participativa e em consonância com as aspirações e os direitos dos povos indígenas, garantidos por leis federais e acordos internacionais.

Recentemente houve um caso bastante divulgado de biopirataria entre os Wapichana. Pois Gorinsky, filho de pai fazendeiro e mãe Wapichana, patenteou o alcalóide bisbenzylinoquinoline, nomeando-o de *rupununines*. No entanto suas potencialidades são as mesmas da planta que os Wapichana conhecem por *tipire* usada para curar malária, febre, combater hemorragias, estancar sangramentos, como anticoncepcional e abortivo (ÁVILA, 2006).

Gorinsky teve a habilidade questionável de deslocar um saber coletivo, difundido amplamente nas famílias Wapichana, para um domínio exclusivo e regido pela lei de propriedade intelectual. Sua habilidade química praticamente ratificou um saber imemorial, nem os Wapichana são capazes de dizer quando passaram a usar o *tipir*. Mas, para Gorinsky, os Wapichana são uma tribo e não um povo, não são modernos como suas pesquisas científicas e este tradicionalismo reflete em uma postura que exclui os povos indígenas de se relacionarem com a modernidade, pois não sabem o valor do dinheiro e da propriedade privada. Este congelamento temporal, que Gorinsky atribuiu aos Wapichana quando questionado sobre o porque não os inclui nos eventuais royalties, revela seu posicionamento etnocêntrico e sua visão sobre o índio, visão esta que provavelmente foi

influenciada pelos tempos em que frequentava o mundo rural na Guiana (ÁVILA, 2006, p. 244-245).

Esse caso ainda está em processo de avaliação, esperamos que em breve os lucros obtidos a partir desses conhecimentos sejam repartidos e a justiça seja feita para penalizar o responsável por esse caso de biopirataria e compensar os detentores desses conhecimentos milenares. Passaremos agora ao registro e a reflexão sobre alguns desses conhecimentos que aparecem nas línguas, músicas e narrativas indígenas.

3.SEMENTES, ALIMENTOS E CULTURAS

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) considera que muitos recursos naturais em extinção são conhecidos apenas por povos com línguas em perigo. Em Roraima é bastante comum encontrarmos espécies que são conhecidas e têm nomes apenas nas línguas indígenas. A entrada dos indígenas na universidade vem viabilizando a transmissão desses saberes pela escrita alfabética e pela linguagem audiovisual, assim como vem contribuindo para ampliar o debate sobre proteção dos conhecimentos indígenas e dos pajés.

Assim, as línguas, patrimônio imaterial dos povos indígenas, continuam guardando e transmitindo conhecimentos considerados muito importantes. Mas, assim como as sementes geneticamente modificadas começam a entrar nas comunidades indígenas, a televisão, os livros enviados para as escolas indígenas, dentre outras questões, atrapalham e colocam em risco a diversidade linguística.

De modo especial, as músicas e as rezas garantem a continuidade do uso das línguas, pois no Parixara, por exemplo, o canto se dá apenas nas línguas indígenas. As rezas também, em sua maioria, acontecem nas línguas de cada povo indígena.

No Parixara *SumariNupakai* ‘Ralar mandioca’, “*sumarinupakai, nupakai. Ayutonkisenainupakaiapiimikiri* ‘a mulher levanta e vai ralar mandioca cantando: acordei, peguei o ralo e estou ralando mandioca para fazer beiju para o meu irmãozinho’. E no Parixara *Tatirikutiyeni'toEremu* ‘venho enfeitado e cantando’ a letra faz referência aos enfeites de semente “*xiruwaipirituupe*” (CD *MakuxiSerenkato*’, CIR, 2005).

Em muitas músicas as plantas são reverenciadas:

KibiuidiuwatumawatandinkinhaaniiKu, ku, ku, ku'ukuunaukadyzkapam 'Com urucum a gente faz a nossa pintura. É a cultura das mães também'. O urucum tem papel importante na pintura corporal e também tem outras funções historicamente reconhecidas entre os povos indígenas em Roraima.

Urucum vem da palavra Tupi *urukú* e é uma árvore que dá frutos com sementes que produzem uma tintura vermelha, usada para proteger o corpo do sol, de insetos e para pintar cerâmicas. Moído ele é transformado em pó e empregado na culinária, dando cor avermelhada como na moqueca, por exemplo (BAGNO; CARVALHO, 2014).

O jenipapo, que também é usado na pintura corporal, dentre outros usos, aparece nas músicas de Parixara: *KibiuidiuwatumawatandinkinhaaniiDu, du, du, dukuzynaukadyzkapam* 'Com jenipapo a gente faz a nossa pintura. É a cultura das vovós também'.

O nome jenipapo também vem do Tupi: *ianipáua* ou *iandipáua*, é um fruto arredondado com polpa aromática, comestível (compotas, doces, xaropes, refrigerante, vinho e licor). Dele os indígenas há milhares de anos produzem uma tinta preta que vem sendo usada em inscrições em pedras, cerâmica, em tatuagens e, como já mencionamos, na pintura corporal (BAGNO; CARVALHO, 2014).

A músicadamurida, criada na comunidade Jacaminzinho e transcrita no trabalho de conclusão de curso de Maria Auxiliadora Oliveira (2017), ressalta a importância do prato que inclui vários tipos de pimenta plantadas na comunidade. A música revela como é feita a damurida: *Damuryddidi'adatym, damurydakanyzytytm* 'A damurida com pimenta, a damurida com tucupi'. Este prato da culinária indígena em Roraima consiste em ser um caldo apimentado, com folhas de pimenta e peixe ou outros tipos de carne de caça. É muito apreciado, considerado bom para a saúde e é também usado para proteção.

Em outras músicas compostas no Jacaminzinho continuam falando das frutas na comunidade, das bebidas e dos alimentos que produzem.

Uu,uunamachisudwawiwamaxaapkiz (2x)
Kainha'asyyz, kainha'ama'apai
Kainha'anaananna'ikpaachiaa
Kainha'atubuchi, kainha'amanguru
Kainha'akaiwerawadizuannii
Uu,Uunamachisudwawiwamaxaapkiz (2x)
Kainha'aparakari, kaonha'asawarau
Kainha'akazyyaana'ikmakaxizdaa

Kainha 'amazikiaa, kainha 'achipuidaa
Kainha 'akauwiamawatyzzanii.

Nós moramos na comunidade Jacaminzinho (2x)
Tem banana, tem mamão
Tem abacaxi e melancia
Tem caju e tem manga
Tem cana para nós chupar.
Nós moramos na comunidade Jacaminzinho (2x)
Tem pajuaru, tem caxiri
Tem de batata e macaxeira
Tem de milho, teminhame
Tem de abóbora para nós beber (OLIVEIRA, 2017).

A palavra abacaxi vem do Tupi *iuá* ‘fruta’- *katí* ‘que tem cheiro forte’. Foi chamado de ananás, nome que também vem do Tupi *naná*. Em espanhol é *ananá* ou *piña*, em alemão, francês, italiano e russo é *ananás*. O nome caju também é de origem tupi: *akaiú*. Essa palavra é usada com o sentido de ano porque o cajueiro só dá frutos uma vez por ano. Sua semente (castanha) é muito cobiçada. Macaxeira também vem do Tupi *makaxera*. Este nome é usado para distinguir a mandioca brava (*mandioka* em Tupi), que contém ácido cianídrico, veneno mortal que não deve ser ingerido (BAGNO, 2014).

Há também bandas de forró que cantam em língua portuguesa com letras que falam do caxiri “é com vocês o caxiri na cuia, é com vocês o xote da alegria. Bebe caxiri, bebe Macuxi, bebe Macuxi, bebe caxiri. Como malagueta e como murupi, quem sabe do sabor é o índio Macuxi” (Encarte do CD Caxiri na cuia o forró da maloca, 2ª edição). No mesmo disco cantam também: “Terra é a mãe, Mãe amada. Índio sem terra, índio não é nada”.

A banda Filhos de *Makunaimina* música Belezas de nossa região canta “Buritizais, serra, mata e lavrado. São as belezas de nossa região. Nosso lavrado cheio de buritizais, muricizeiros e caimbezais”. A música Resgate da cultura diz que “toda terra tem seu dono e lavrador”. Na música Água é vida, terra é pão canta “Eu quero terra para poder cultivar” (Cdvól 2, CIR, 2006).

Na atualidade “a diversidade das formas de produzir ultrapassa o domínio dos fatos técnicos. Pertence a vários registros da vida social e cultural das sociedades” (EMPERAIRE, 2010, p.10). Assim, buscamos imprimir neste texto essas interconexões com a intenção de evidenciar a diversidade de relação com a terra, de visões de mundo, de vida e dos fazeres agrícolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que uma pesquisa aprofundada acerca da quantidade de material genético que passou a ser usado pelas indústrias farmacêuticas a partir dos saberes indígenas é necessária. Porque mesmo que usem de modo diferente do realizado pelos rezadores e pajés, a origem indígena merece ser divulgada, sua contribuição no campo da saúde, assim como os benefícios adquiridos com o comércio dessas substâncias precisam ser repartidos.

Assim como é necessário aprofundar as diferentes formas de manejar as sementes e de pensar a prática agrícola, há que entender melhor o que é compartilhado pelos Macuxi, Wapichana, WaiWai, Yanomami, dentre outros povos em Roraima, e apoiar os métodos de conservação dessas sementes. Tradicionalmente essas variedades são conservadas principalmente *onfarm*, ou seja, nos próprios plantios, roças e quintais. Essa forma de conservação, bem como outros métodos como os bancos de sementes (conservação *ex situ*) devem ser pensados como forma de fortalecer essa diversidade e toda a cultura associada a ela.

Há uma série de desafios e algumas dificuldades a serem enfrentadas para manter esse banco vivo de diversidade de sementes que pode ser considerado um “reservatório genético”. Outro trabalho que merece atenção é o que pode contribuir para que o sistema de uso da língua e de outras práticas culturais associadas sejam documentados e fortalecidos em sua transmissão para as próximas gerações.

Defendemos a ideia de que nas escolas indígenas, por exemplo, tudo pode ser ensinado em todas as línguas usadas na comunidade. Sem separação entre o que é próprio e o que vem de fora. Com a visão de que as sementes e as línguas se desenvolvem quando fazem coisas interessantes com elas. Assim, as sementes, as línguas, as culturas e as cosmovisões de cada povo podem ser reconstruídas a partir do que vivemos na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (orgs). **Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas**. 2ª Ed. Manaus: PPGAS UFAM. UEA Edições, 2008.

ÁVILA, Thiago A. M. de. Biopirataria e os Wapichana: etnografia sobre a bioprospecção e o acesso aos recursos genéticos na Amazônia Brasileira. **Revista de Estudos e Pesquisas**. Vol. 3 n. 1/2. Brasília: FUNAI: cgep/cgdti, 2006. p. 225-260.

BAGNO, Marcos; CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Pororoca, pipoca, paca e outras palavras tupi. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CAMPOS, C. 2011a. **Diversidade Socioambiental de Roraima: subsídios para debater o futuro sustentável da região**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 64 p.

CAMPOS, C. 2011b. **Wapixana e Macuxi. As pequenas Tis de Roraima**. In: Ricardo, B; Ricardo F. (eds) Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010. São Paulo: Instituto Socioambiental, p. 260-263.

CARNEIRO FILHO, A. 2009. **Atlas de Pressões e Ameaças às Terras Indígenas na Amazônia Brasileira**. São Paulo: ISA.

EMPERAIRE, Laure (org.). Dossiê de registro do Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro, ACIMRN/IPHAN/IRD/UNICAMP-CNPQ. Brasília, 2010. Disponível em www.iphan.gov.br acesso em 16/04/2017.

FERREIRA, Luciane Ouriques. **Medicinas Indígenas e as Políticas da Tradição: entre discursos oficiais e vozes indígenas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

FRANK; CIRINO, 2010. **Des-territorialização e re-territorialização dos indígenas de Roraima: uma revisão crítica**. In: Barbosa, RI, Melo VF (eds). Roraima: homem, ambiente e ecologia. FEMACT, Boa Vista, p. 11-33.

ISA - Instituto Socioambiental. 2016a. PIB - Povos Indígenas no Brasil. **Localização e extensão das TIs**. <https://pib.socioambiental.org/pt/c/terras-indigenas/demarcacoes/localizacao-e-extensao-das-tis>. Acesso em 21/11/2016.

ISA -Instituto Socioambiental. 2016b. PIB - Povos Indígenas no Brasil. **Quadro geral dos povos.** <https://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Acesso em 21/11/2016.

HERMANN, Lucila. A organização social dos Vapidianos do Território do Rio Branco. **Sociologia**, v. VIII, n. 2. São Paulo, 1946. p. 119 – 134.

MEYER, Dom Alcuino. **Carta ao Arquiabade em 1939**. Arquivo do Mosteiro de São Bento- RJ. Pasta 6.

_____ **Carta ao Arquiabade em 1940**. Arquivo do Mosteiro de São Bento- RJ. Pasta 6.

MILLER et al., 2008. **Levantamento Etnoambiental das Terras Indígenas do Complexo Macuxi-Wapixana, Roraima**, v.1. FUNAI/PPTAL/GTZ, Brasília, 192 p.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora de. Trabalho de conclusão do curso Licenciatura Intercultural. UFRR, 2017.

PIBID, Licenciatura Intercultural Práticas Pedagógicas e Valorização Cultural no Canaúanim. Boa Vista: UFRR, CAPES, Observatório da Educação Escolar Indígena, 2015

SANTILLI, P. **Ocupação territorial Macuxi: aspectos históricos e políticos**. In: BARBOSA, R.I. et al. (Eds.). Homem, ambiente e ecologia no estado de Roraima. Manaus: INPA, 1997. p. 49-64.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Semear outras Soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.